

COMPLETAMENTE ERRADO

GERALD E. THURSTON JR.

Dizer que minha mãe era completamente inexpressiva não é crítica nem reclamação. Ela era simplesmente uma dessas mulheres que as pessoas não notam. O mundo está cheio de pessoas assim.

Nascida em uma família de alcoólatras, minha mãe decidiu sair de Saint Louis aos dezessete anos porque, como ela dizia, "Não podia aguentar mais um só minuto de discussão, bebida e loucura. Foi para a Califórnia, morar com uma prima e começar vida nova. Isso aconteceu em 1959.

No ano seguinte se casou com meu pai, que era da Marinha, e tiveram três filhos: Tammy, Tina e eu, Jerry. Meus pais compraram uma casa pequena e simples no condado de Orange em 1967. Em 1975, apesar de seus esforços, se divorciaram. Eu tinha doze anos.

Talvez pela grande mudança provocada pelo divórcio, de repente passei a perceber minha mãe como pessoa. Notei que seu rosto tinha círculos escuros em torno dos olhos e que seu corpo sofrera com a gravidez e o parto dos filhos. Os homens não olhavam para ela. Parece que nunca notaram os olhos luminosos que eu comecei a perceber com o tempo.

Como muitas outras mães sozinhas, a minha também arrumou um segundo emprego e à noite distribuía formulários de corridas de cavalo em lojas de bebidas alcoólicas. Ela me prometia um sorvete coberto de chocolate para eu ir com ela, pois dizia ser a única forma de estarmos juntos mais um pouco. Levava pilhas de formulários às lojas, sem receber sequer um segundo olhar dos homens detrás dos balcões. Mamãe parecia invisível para os homens.

Mais velho, eu amargava o desinteresse das pessoas por minha mãe. Eu conhecia seu caráter, sua moral e o imenso conhecimento adquirido por ser uma leitora insaciável. Percebi que a vida silenciosa e heroica de minha mãe não era notada nem apreciada. Aquilo me doía.

Em dezenove de fevereiro de 1986 recebi um telefonema no trabalho. Era minha mãe, com a notícia de que o resfriado de que ela tentava se livrar há dois meses era na verdade um tumor no pulmão esquerdo. Uma semana depois foi para a mesa de operação, mas nada havia a fazer. O médico falou em quimioterapia e radioterapia, mas seus olhos nos diziam a dura verdade.

Mamãe lutou com garra contra o tumor, mas parecia que ninguém percebia sua fibra. Ela suportou os efeitos da radiação, que atingiram sua laringe, afetando sua capacidade de engolir e até de respirar. Enfrentou o pesadelo da quimioterapia, comprando uma peruca vermelho-vivo para tentar chamar a atenção da família para o que estava ocorrendo. Não funcionou. Ela lutou para "derrotar o monstro" até perder a consciência, em dois de fevereiro de 1987, morrendo de mãos dadas com seus filhos, que acariciavam seu rosto completamente inexpressivo. Aquilo me encheu de raiva.

Raiva do mundo que não a notara. Eu a notara. Pude observar a luta e a solidão cobrarem seu preço. Como não viram que essa mulher

inexpressiva na figura era, na verdade, um lindo ser humano? Tive raiva até o dia do funeral.

Pessoas que eu não conhecia começaram a chegar na capela simples onde ela se encontrava para ser notada pela última vez.

Pessoas que tinham trabalhado com ela há vinte anos estavam lá, dizendo que não me viam desde que eu usava fraldas.

Amigos de seu último emprego, que eu não conhecia, foram nos abraçar. Até o chefe com quem trabalhara há oito anos esteve lá. Cumprimentou-me e disse que minha mãe inexpressiva era "uma das mulheres mais bondosas que já conheci".

Comecei a prestar atenção em minha mãe como pessoa aos doze anos e a achei totalmente inexpressiva. Olhei para a capela cheia de pessoas que tinham notado minha mãe e podiam pensar outras coisas dela, mas jamais que fosse inexpressiva.

Foi uma alegria profunda constatar que estava completamente errado. Debaixo da aparência inexpressiva de minha mãe, essas pessoas perceberam, o tempo todo, a pessoa extraordinária que estava ali.